

REVISITANDO A CRÍTICA: O REGIONALISMO BRASILEIRO

REVISITING THE CRITICISM: BRAZILIAN REGIONALISM

Abrão de Sousa 1

Resumo: O artigo analisa o conceito de regionalismo na literatura brasileira. Busca-se neste artigo ler e refletir sobre estudos teóricos referentes ao regionalismo realizados por historiadores e críticos literários brasileiros como Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Lígia Chiappini, que buscam marcar e contextualizar o uso do termo e sua aparição na literatura brasileira, em diversos períodos literários. Busca-se compreender se o regionalismo pode ser visto como uma literatura de baixa qualidade estética ou um tipo de obra que enfoca apenas o espaço regional? A hipótese é que não. Mas cumpre frisar que há uma variação entre teóricos da literatura na forma de entendimento desse fenômeno, a partir de uma postura analítica e crítica. Conclui-se que o regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem, uma literatura que tenha por ambiente tema e tipos uma certa região, em oposição aos costumes dos cidadãos.

Palavras-chave: Regionalismo. Subdesenvolvimento. Literatura Regionalista.

Abstract: The article analyzes the concept of regionalism in Brazilian literature. This article aims for reading and reflection on theoretical studies related to regionalism carried out by Brazilian historians and literary critics such as Afrânio Coutinho, Antonio Candido and Lígia Chiappini, who intend to mark and contextualize the use of the term and its appearing in Brazilian literature, in different literary periods. We want to understand if regionalism can be seen as a literature of low aesthetic quality or a type of work that focuses only on regional space?. The hypothesis is not. However, it should be noted that there is a variation among literature theorists in the way this phenomenon is understood, based on an analytical and critical stance. It is concluded that regionalism is a universal phenomenon, as a manifestation of groups of writers who programmatically defend a literature that has a certain rural region as opposed to the customs, values and taste of the city dwellers.

Keywords: Regionalism. Underdevelopment. Regionalist Literature.

Introdução

Este é um estudo sobre o regionalismo na Literatura Brasileira sob a perspectiva de historiadores e críticos literários como Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Lígia Chiappini. Neste estudo, consideram-se os conceitos de regionalismo na literatura, a partir da Semana de Arte Moderna, que ocorreu no ano de 1922 aos dias atuais. Salienta-se a importância de visualizar a presença do regionalismo na literatura como um fenômeno que ultrapassa regiões geográficas. O regionalismo é um fenômeno universal como movimento de grupos de escritores que defendem notadamente uma literatura que tenha por ambiente tema e tipos uma certa região rural que se opõe aos costumes, valores e gosto dos cidadãos.

Neste trabalho, busca-se responder à problemática se o regionalismo pode ser visto como uma literatura de baixa qualidade estética ou um tipo de obra que enfoca apenas o espaço regional? Nota-se que há uma variação entre teóricos da literatura na forma de entendimento desse fenômeno, a partir de uma postura analítica e crítica.

Esta pesquisa está relacionada ao trabalho de mestrado sobre literatura produzida no Tocantins, por buscar compreender como ocorre o regionalismo na literatura, tendo como objeto de pesquisa em tela Fidêncio Bogó, a construção da regionalidade e a crítica social. Este trabalho foi realizado como requisito para conclusão da disciplina Literatura e Filosofia, Poesia e Filosofia e as Margens, do mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, sendo também uma parte teórica da dissertação do mestrado no mesmo curso.

A importância desta pesquisa, para mim, na condição de mestrando em Letras e professor de língua portuguesa e literatura da Educação Básica, é refletir sobre estudos teóricos referentes ao regionalismo feitos por historiadores e críticos literários brasileiros. É também romper com preconceitos sobre o termo regionalismo, que ultrapassa regiões geográficas tornando-se tendência universal. Fato que deve ser divulgado por diversos meios, principalmente em revistas relacionadas a essa temática.

Regionalismo: o olhar da crítica e dos críticos brasileiros

Muitos críticos literários tratam do regionalismo na literatura no Brasil, entre estes destacam-se Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi como alguns dos principais teóricos da literatura. Em grande parte de sua obra, Antonio Candido analisa o papel da produção regionalista na história literária. Uma situação que se insere na interpretação de um movimento de contraposição de ideias entre localismo e cosmopolitismo. Isso fundamenta os estudos do crítico Candido, como elemento que traz condições sutis históricas da literatura no Brasil. Interessante notar as cargas semânticas das palavras conforme seus empregos e contextos, por exemplo, o emprego do termo “regionalismo”, interpretado, às vezes, como de menor valor na literatura.

Ao olhar por este lado do subdesenvolvimento, a palavra “regionalismo”, temos um discurso coberto de preconceito, o que geralmente causa estranheza, haja vista a carga semântica da expressão “regionalismo” ser carregada, na maioria das vezes, de sentido que remete a nacionalismos sendo uma coisa pobre de espírito, de pouco valor.

Por outro lado, a expressão ‘literatura regionalista’, que Amado (1995, p. 146) aponta que “grande parte da denominada literatura regionalista tem o sertão como *locus* ou se refere a ele”. Esse local pode ser a valorização de individualidades locais em suas formas particulares de demonstrar suas características diversas, a exemplo da exploração descritiva dos lugares geográficos.

Para Coutinho (1964, p. 202), o regionalismo pode ser definido de duas maneiras. Na primeira definição é vista como:

Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Neste sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de problema universal, de

sorte que a localização é incidental.

Na segunda concepção, o teórico define o regionalismo autêntico apontando que ser regional não necessariamente a obra não somente seja localizada numa região, mas que possa retirar suas substâncias reais das particularidades desse local. A substância é definida por Coutinho, (1964, p. 202) como:

Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo.

Os elementos importantes, presentes na ficção regionalista e colocados em primeiro plano, são as presenças dos costumes locais de determinada região, como os elementos físicos numa exploração que concentra forças na observação desse panorama. Pode-se afirmar que regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que há nas peculiaridades locais, nas suas formas particulares de dizer, bem como na exploração descritiva do lugar geográfico.

Segundo Coutinho (1964), a literatura regional é dividida em grupos como grupo nortista, nordestino, baiano, central e gaúcho. Estas são as regiões culturais ou literárias inseridas no tema regionalismo por serem bem caracterizadas.

Outro ponto importante a ser considerado como essencial é que não se questiona a unidade do país. O lastro de origem lusa que é comum, e que se mesclou com as contribuições indígena e negra, e depois, com os demais grupos étnicos que chegaram via colonização. Coutinho (1964, p. 205) confirma que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião.”

Posto isso, é possível perceber que não há literaturas isoladas, que as diferenciações são construtos para a homogeneidade da paisagem literária do país. Coutinho ainda aponta o que é interessante para o estudo literário, em que as regiões naturais geográficas não são de interesse para este estudo. Coutinho (1964, p. 205):

O que importa aqui são as regiões culturais, marcadas pela importância que tiveram como focos regionais de produção literária, embora a divisão que resulta da aplicação desse critério não se afaste muito da que foi estabelecida pelo Conselho Nacional de Geografia, em 1944, como base para as pesquisas geográficas.

Ao tratar das grandes regiões supracitadas, ainda havia a possibilidade de se juntar uma espécie de sub-região, formada do Rio de Janeiro e zona suburbana como uma pequena província literária, na qual se abeberavam autores como Lima Barreto, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis.

O revigoramento da literatura ocorre sempre que ele fica próximo de suas raízes, e tanto mais quanto mais profundas mergulharem no solo. Os focos locais sempre podem atuar como fontes férteis de cultura. Coutinho (1964, p. 206) afirma que “em todos os tempos, e ainda em nossos dias, os focos locais atuam como fontes fecundas de cultura, de variedade, de estímulos espirituais e artísticos”. No mesmo sentido, o autor aponta que a literatura ou os escritores podem enfraquecer com o distanciamento. Coutinho (1964, p. 206) cita que “a literatura, no Brasil, fenece, - ou os escritores, - sempre que se distanciam daquelas fontes locais”.

Para Antonio Candido, o regionalismo nasceu juntamente com a independência literária

na literatura brasileira. Foi uma forma de expressão do nacionalismo, em que os escritores brasileiros descobriram o Brasil que vivia dominado pelas tendências coloniais dominantes. Ainda para Cândido, o Romantismo foi notadamente nacionalista do início ao fim. Ele enfatiza que ser nacionalista é escrever sobre coisas locais.

Na década dos anos 1850, ocorreu o período da literatura chamada Romantismo, momento de ocorrência e consagração de manifestação bem nacional, que é o Indianismo.

O Romantismo foi um período que buscou construir os aspectos mais regionais do Brasil, o que tornava a nação brasileira diferente da portuguesa, visto que esta falsificava ou forjava a identidade nacional. São Paulo no século XVII foi centro das atenções, sobretudo na produção literária. Coutinho (2006) tece ponderações a respeito da existência de uma literatura como localismo, no sentido de se ter apego a determinado local. Candido (2006, p. 147):

Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados. Neste artigo, não interessa, por isso mesmo, delimitar produções e autores segundo o critério estrito do nascimento, mas segundo o critério mais compreensivo e certo da participação na vida social e espiritual da cidade de São Paulo. Esta apresenta algumas características, e é compreensível que a sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nasceram.

A importância das características marcantes sobre os locais é significativa, entretanto a manifestação da literatura brasileira aparece com suas características peculiares em cada estado brasileiro. O critério de local de nascimento do escritor é prescindível, quando para identificar produções e autores. O importante é a participação desses autores na vida social e espiritual de um local, que no caso citado é a cidade de São Paulo.

A literatura tem fundamental importância para a evolução de uma sociedade. Nesse sentido, Candido (2006) a entende como fatos eminentemente associativos, obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Cândido ainda enfatiza a personalidade de toda obra, sua característica única e insubstituível. Entretanto, ele retrata a qualidade da literatura como coletiva. Candido (2006, p. 147):

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

Portanto, há literatura a partir da existência de segregação espiritual e formal, que se manifesta por meio dos homens pertencentes a um grupo, mesmo que este seja ideal, que siga um estilo, mesmo que não tenha consciência desse estilo.

Enquanto não houver outros homens com sistema de valores impostos em suas produções, atribuindo sentido a isso, e também outros sendo público que reverbere as produções e os escritores, e finalmente se não se estabelecer a continuidade significando a integridade do espírito criador na dimensão do tempo, a literatura será inexistente.

Candido (2006, p. 147) conclui que “só há literatura em São Paulo depois da Independência, e notadamente depois da Faculdade de Direito. Mas antes, na segunda metade do século XVIII, já se esboçavam aquelas condições”.

As manifestações surgem em um determinado local, por um determinado grupo. Assim há uma regionalidade. Candido (2006, p. 118) cita alguns autores e pondera sobre a importância da confiança local:

O regionalismo, que desde o início do nosso romance constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no “conto sertanejo”, que alcança voga surpreendente.

O sentimento em relação ao local, no caso o Brasil, é de subalternidade, voltado para o gosto daquilo que não é nacional. A desculpa do amor pela terra era voltada para a vocação cosmopolita, uma forma de encarar com olhos europeus as realidades mais típicas do Brasil. Candido (2006, p. 120) destaca que “esse meio foi o “tonto sertanejo”, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito ideias-feitas, perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético”.

E conclui com os exemplos, Candido (2006, p. 120):

É a banalidade dessorada de Catulo da Paixão Cearense, a ingenuidade de Gornélio Pires, o pretensioso exotismo de Valdomiro Silveira ou do Coelho Neto de Sertão; é toda a aluvião sertaneja que desabou sobre o país entre 1900 e 1930 e ainda perdura na subliteratura e no rádio.

Uma obra significativa que marcou esse movimento foi *Os sertões*, de Euclides da Cunha, do ano de 1902, bem como os estudos de etnografia e folclore. Entretanto, falhou, por não saber corresponder ao interesse multiplicado pelas coisas e os homens do interior do Brasil, que se isolavam no retardamento das culturas então chamadas rústicas. Caberia ao Modernismo orientá-lo no rumo certo, ao redescobrir a visão de Euclides, que não comporta o pitoresco exótico da literatura sertaneja.

Dez teses sobre regionalismo na literatura: o paradoxo de sua inexistência

A partir dos estudos da teórica literária Lígia Chiappini, observa-se que o regionalismo é uma categoria ainda hoje presente. Ela faz um levantamento bibliográfico, e de contatos dela com vários especialistas no assunto de diversas universidades europeias, e visualiza essa presença de regionalismo literário.

O que era considerado ultrapassado, por alguns segmentos da crítica literária brasileira, continua presente tornando-se objeto de investigação de pesquisas atuais, com maior amplitude na intersecção de estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos.

Chiappini explica que o incremento desses estudos é explicado pelo reaparecimento do regionalismo. Chiappini (1997, p. 153) afirma “e de que, naturalmente, o incremento de tais estudos se devia, em grande parte, ao reaparecimento dos regionalismos, como decorrência só aparentemente paradoxal da chamada globalização”.

Dessa reflexão, conclui-se, que apesar de se considerar os efeitos decorrentes de um mundo globalizado, ainda é possível detectar-se a presença de características que definem a origem de uma produção. O mundo é globalizado, mas não é homogêneo, tanto que é considerado paradoxal, a partir da pesquisa, a inexistência do regionalismo em função da globalização.

A mesma autora baseia a sua afirmação utilizando a metáfora “fôlego de gato” utilizada pelo professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, José Carlos Garbuglio, com a finalidade de demonstrar que o regionalismo é um fenômeno existente no Brasil e em qualquer lugar do planeta.

Chiappini (1997, p. 153):

O regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento - ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais - quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícitas de seus autores.

Quem busca o conhecimento sobre regionalismo se contagia em buscar por aquilo que é considerado polêmico, como é a ficção regionalista. Isso porque a ficção regionalista envolve manifestos e polêmicas, o que contagia o estudioso desse assunto pela sua persistência. Resistência essa que faz o pesquisador dedicar seu tempo a um termo fora de moda, pesquisar autores fora de moda, representantes de uma estética fora de moda também.

Foram todas essas questões de não se deixar contagiar pelo simplismo aparente da tendência da consideração “do fora de moda”, é que o regionalismo volta à moda, meio sem querer, devido permanecer em conflito pelas questões teóricas, estéticas e éticas levantadas pelo regionalismo ao longo de um século e meio, pelo menos.

Segundo Chiappini (1997), remar contra a maré sempre traz um mal-estar. E está ligado à divisão que o regionalismo provoca no pesquisador. Entre o desagrado ante a maior parte das obras dessa tendência, como esquemáticas e pitorescas e condenadas ao “beco que não sai do beco e se contenta com o beco”, uma metáfora imposta ao regionalismo; e a atração que exercem sobre ele, notadamente as que superam as dificuldades próprias do projeto regionalista, que, como tal, ganha estatuto de obras-primas tão ou mais significativas esteticamente do que qualquer romance ou conto urbano com pretensão cosmopolita.

O remar contra a maré, que gerou o mal-estar, portanto gerou as dez teses nas quais Chiappini problematiza juízos críticos e estereotipados sobre tendências generalizadas a respeito de limitações estéticas e ideológicas da maior parte das obras que o regionalismo tem produzido. Chiappini (1997, p. 154) afirma que “pois não dá para postular que tudo na tendência é tendencioso ou que tudo aí é caiporismo e conservadorismo”.

As dez teses trazem reflexões sobre regionalismo que nem sempre serve para reduzir as situações a políticas estreitas e totalitárias a exemplo do nazismo de Hitler com o “Sangue e solo” ou mesmo à “França profunda” de Vichy. A ponderação de Chiappini (1997) é de que se o regionalismo serviu a essas políticas estreitas e totalitárias, ele também serviu para contestar essas mesmas políticas em outros países.

Nessa contestação dessas políticas, pôde solidariamente aproximar o leitor da cidade do homem pobre do campo, no auxílio ao combate ao preconceito, no respeito à diferença e no alargamento da sensibilidade, ao descobrir a humanidade do outro, de classe e de cultural.

No mesmo sentido, outro problema apontado nas teses é que em vez de explicar a obra regionalista bem realizada negando sua relação com o regionalismo para afirmar sua universalidade, seria necessário enfrentar a questão de como se dá a superação dos limites da tendência, de dentro dela mesmo pela potencialização de suas possibilidades artísticas e estéticas. Ou seja, como enunciado por George Sand e renunciado por Antonio Candido. Para Chiappini (1997, p. 154), “criar uma linguagem que suprisse com verossimilhança a assimetria radical entre o escritor e o leitor cidadão em relação ao personagem e ao tema rural e regional, humanizando o leitor em vez de aliená-lo em relação ao homem rural representado”.

O entendimento que se deve observar, a partir da narrativa é que o narrador ou personagem fale de forma que seja entendido pelo leitor. Chiappini (1997) pondera os termos em que George Sand, a escritora francesa, enunciou essa problemática em meados do século passado. Para corroborar, Chiappini (1997, p. 154) destaca que “fazer um narrador ou um per-

sonagem falar como se à sua direita tivessem um parisiense e à sua esquerda um camponês”. Tanto Antonio Candido, como George Sand demonstram que, Chiappini (1997, p. 155) “o único modo de não distanciar preconceituosamente o leitor do homem do campo que essa ficção quer retratar é estabelecer pela arte uma ponte amorosa que lhe permita sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se com e aprendendo sobre outros tantos becos deste mundo”.

A história do regionalismo aponta que seu surgimento se deu sempre em conflito com a modernização, industrialização e urbanização. Assim, ele é um fenômeno que contradiz a modernidade, haja vista que o regionalismo moderno proporcionou ganhos àqueles que sempre ganharam com a modernização sem atender para as dores, os valores e os desgostos daqueles que perdiam com ela (a modernização), conforme Chiappini (1997, p. 155), “já tive ocasião de mostrar que a primeira geração modernista saudou a modernização endossando o gosto e os valores daqueles que lucravam com ela, sem alentar para as dores, desvalores e desgostos dos que com ela perdiam”.

Sobre o regionalismo, o que se pode concluir é que houve uma transição difícil nos reajustes da economia brasileira, em relação aos avanços do capitalismo mundial, que é tramado de modo específico. Chiappini (1997, p. 155) trata da forma como é tratado esse fenômeno na literatura. “A literatura tende a recontar esse processo na forma de alternância ora como decadência ora como ascensão, ora como pessimismo ora como otimismo, dependendo de que lado está: da modernização ou da ruína”.

Para Chiappini (1997), as questões em jogo nas teses são um marco na pesquisa sobre regionalismo como ponto de partida, onde se pretende estudar casos do presente e do passado do Brasil e do exterior que possam de forma concreta concorrer sobre a demonstração dessas próprias teses ainda hipotéticas, enquanto não se realizar uma pesquisa que exige muito fôlego ainda da crítica.

A primeira tese aponta que a obra literária regionalista é qualquer livro que intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais como credices, costumes, superstições, modismos, e ainda vinculando isso a uma área do país. Chiappini (1997, p. 155) destaca que “historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas”.

Na segunda tese, há uma vinculação do regionalismo literário à tradição greco-latina do idílio e do pastoril, entretanto, é retomada como forma regionalista começando a viver da tensão entre idílio romântico e a representação realista, que tenta dar espaço ao homem pobre do campo. Chiappini (1997, p. 156) “a tensão entre idílio e realismo correspondem outras constitutivas do regionalismo: entre nação e região, oralidade e letra, campo e cidade, estória romanesca e romance; entre a visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente”.

Na terceira tese, o regionalismo na literatura como tema de estudo constitui um desafio teórico. Chiappini (1997, p. 156) aponta que “estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-nação, hoje se realiza como reação à chamada globalização”.

A quarta tese traz o tema modernização das técnicas agrícolas, êxodo rural, o desenvolvimento das cidades e de uma literatura urbana. É um ponto em que o regionalismo visto por Chiappini (1997, p. 156) “ultrapassado, retrógrado, localismo estreito e reacionário tanto do ponto de vista estético quanto do ideológico”. Essa crítica esquece que o regionalismo, como já conceituado antes, é um fenômeno moderno e universal. Um contraponto necessário da urbanização e da modernização do campo e da cidade sob o capitalismo.

Na quinta tese, aponta-se o regionalismo como marginal em comparação à grande literatura, confundindo-se com a pedagogia, a etnologia e o folclore. Chiappini diz que (1997, p. 156) “os críticos costumam menosprezar o regionalismo por essa impureza, julgando-o também conservador tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista ideológico”. É um campo minado de preconceito prestando-se a equívocos da crítica.

A sexta tese trata sobre o esforço da crítica literária em excluir da tendência os grandes autores, com a justificativa de que nela a quantidade de obras literariamente menos expressivas talvez seja maior que em outras. O argumento da crítica, segundo Chiappini (1997, p. 157)

“é que a quantidade literária de suas obras os elevaria do regional ao universal”. Esquecendo-se a crítica de que é o espaço histórico-geográfico da obra que entranhado e vivenciado pela consciência das personagens é o que permite a concretização do seu universal.

Chiappini ressalta sobre o problema da distinção entre os tipos de regionalismo voltado para a separação das obras boas das obras más esteticamente. Para Chiappini (1997, p. 157) “o problema não nos parece tanto distinguir os tipos de regionalismo, mas distinguir, como em qualquer tendência, as obras boas das más, esteticamente falando”.

Nas obras consideradas más, os efeitos soarão de forma limitada para o leitor, bem como o espaço, os dramas, os caracteres, a linguagem, o pensamento e as ideias. Já nas obras boas, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, visto que o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco.

Para considerar e sustentar, Chiappini, na tese número sete, afirma que só é possível sustentar que um autor é regionalista se considerar que toda tendência literária não é estática. Chiappini (1997, p. 157) cita autores como Faulkner ou Guimarães Rosa “só podemos sustentar que um Faulkner ou um Guimarães Rosa são regionalistas, se entendermos que o regionalismo, como toda tendência literária, não é estático”. Dessa forma, o regionalismo evolui, é histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história.

Outro ponto destacado por Chiappini (1997), na tese oito, é a importância da distinção entre o regionalismo como movimento político cultural e literário, das obras que decorrem deste direta e indiretamente. Chiappini (1997, p. 157) diz que “o regionalismo, lido como movimento, período ou tendência fechada em si mesma num determinado período histórico em que surgiu e alcançou maior prestígio, é empobrecedor: um ismo entre tantos”.

Entretanto, o regionalismo lido como uma tendência em movimento em que se enquadram os escritores e obras que se esforçam em colocar os homens pobres das áreas rurais para falarem de sua região para além da área geográfica com suas dificuldades específicas, tendo como maior dificuldade tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público urbano e cheio de preconceito, que apenas por meio da arte entenderá o diferente como eminente outro, e ao mesmo tempo respeitando como igual para igual.

Na tese número nove, Chiappini aponta um defeito da crítica ao escritor regionalista, que é o pitoresco, a cor local, o descritivismo, tudo isso representa uma dura conquista. Da mesma forma que ocorre na literatura, também acontece na pintura, em que só depois de pintar com perfeição a figura, é que o pintor pode aludir a ela por traços cores e luzes; só depois que se descreve como se pinta uma paisagem, é que o escritor pode identificar essa paisagem pela referência conseguida seja por imagens, sonoridade e ritmo, seja pelo modo de se comportar dos personagens. Chiappini (1997, p. 158) demonstra as características que devem fazer parte de um grande escritor.

Em qualquer dos casos, o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear, que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional.

O mundo narrado não necessariamente é um mundo real. A cópia fotográfica é uma visão ingênua sobre a região. Entretanto, embora seja ficcional, o espaço criado literariamente é um portador de símbolos para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente. Para Chiappini (1997, p. 158) há uma regionalidade que aponta a existência do mundo. Regionalidade como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno visto como objeto de observação, o que não pode ser reduzido a espaços ou acontecimentos puramente regionais:

Na obra regionalista, a região existe como regionalidade e esta é o resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção, momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele.

Na literatura, o regionalismo ultrapassa a fronteira do localismo, isso devido a se tratar de uma ficção, de um espaço imaginário.

Na décima tese, sobre regionalismo, Chiappini (1997) coloca a condição de que se o provincial e o local não são vistos como pura matéria, mas como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, torna-se falsa a dicotomia entre local e universal. Chiappini (1997, p. 158) frisa que “o importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele”.

Chiappini aponta a função da crítica como sendo indagar sobre a função da regionalidade diante das obras que se enquadram na tendência regionalista. E ainda pergunta sobre como a arte da palavra, por meio de um material que parece determiná-las a ficar localizada em um local, possam alcançar uma dimensão mais geral de beleza, e com ela falar a leitores de outros locais, ou bacos, espaços e de tempo.

E, para concluir, Chiappini (1997) revela que enquanto as obras regionalistas transcendem os espaços regionais, aquelas que se querem cosmopolitas, urbanas e modernas, perdem-se para uma história permanente de leitura.

Considerações Finais

A palavra regionalismo pode causar estranheza e preconceito ao se comparar as regiões metropolitanas com as regiões rurais. Entretanto, essa mesma expressão pode ser a valorização de individualidades locais na forma de demonstrar suas peculiaridades em suas formas de demonstrar suas diversas características, como a descrição dos lugares geográficos. Afrânio Coutinho conceitua o termo regionalismo de duas maneiras. A primeira é que toda obra de arte é regional se tem por pano de fundo alguma região ou parece germinar desse fundo. Por outro lado, o autor define que o regionalismo ocorre quando se pode retirar suas substâncias reais das particulares de um local, entendendo a substância como o fundo natural, clima, topografia, flora, fauna, etc. Ele destaca também as maneiras individuais da sociedade humana estabelecida em cada região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo. Outro ponto destacado no estudo sobre regionalismo é que este nome, apesar de ser questionado como algo de um único local, não compromete a unidade do país. Todas as contribuições são importantes, como a indígena e negra e outras miscigenações étnicas. O regionalismo é como uma colcha de retalhos que arma o todo regional. É uma variedade que entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes e de religião. Outro teórico que trata do regionalismo é Candido. Para este autor, existem as literaturas paulista, gaúcha ou pernambucana que contribuem para a existência de uma literatura brasileira que se manifesta de diferentes modos em todo o solo brasileiro. A delimitação de produções não é interessante, se considerar o local de nascimento dos autores como critério. O critério importante é a participação na vida social, nos costumes e tradições.

Para Candido, a pessoalidade de toda obra, sua característica única é insubstituível, mas a qualidade da literatura é coletiva. Ele ainda aponta que manifestações surgem em um determinado local, por um determinado grupo. Assim há uma regionalidade.

Outro ponto discutido é o levantamento de dez teses sobre regionalismo realizado por Chiappini, que apontam a existência do regionalismo sempre presente na literatura. O que alguns setores da crítica literária consideravam ultrapassado na literatura brasileira continua presente e torna-se assunto de pesquisas atuais com amplitude na intersecção de estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos.

O regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento - ou seja, como manifestação de grupos de escritores que

programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais - quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores.

Referências

AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8. n. 15. 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129>. Acesso em 10 ago. de 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Anais. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5ª ed. Revisada e aumentada. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

SANTINI, Juliana. **A Formação da Literatura Brasileira e o regionalismo. O eixo e a roda**: v. 20, n. 1, 2011.

Recebido em 06 de setembro de 2021.
Aceito em 27 de setembro de 2021.